

HISTORICIZANDO O FÓRUM MUNDIAL E A FEIRA MUNDIAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: Do modelo de caridade libertadora para à política pública no Brasil - as contribuições do Projeto Esperança/Coesperança- RS –Brasil.

RESUMO

A América Latina hoje é palco de inúmeras experiências que buscam enfrentar a tragédia socioambiental causada pela hegemonia neoliberal das últimas décadas. A economia solidária- ES, no espectro da diversidade cultural do nosso continente, se apresenta como um dos caminhos de afirmação de novos valores nas relações sociais de produção (Lianza & Chedid, 2012). Neste viés, a cidade de Santa Maria- RS é reconhecidamente um dos principais pólos de geração de trabalho e renda por meio de Economia Popular e Solidária no Brasil e na América Latina. É a cidade onde vêm ocorrendo conjunta e anualmente a Feira de Economia Solidária do Mercosul, a Feira Nacional de Economia Solidária e a Feira Estadual do Cooperativismo do RS (FEICOOOP) organizadas pelo projeto Esperança/Coesperança com apoio e articulação de diversos segmentos da sociedade organizada.

Neste ambiente e com a pretensão de trazer a lume as raízes desse movimento que transformou questões sociais que assombravam as economias periféricas, nos tempos pós-muro de Berlim, em questões proeminentemente políticas dentro da agenda governamental brasileira e latino-americana, o presente artigo investigou a evolução do Movimento Social da Economia Solidária (ES) a partir da criação do Projeto Esperança/Coesperança na cidade de Santa Maria- RS. Pretendeu-se também compreender as origens, as correlações e o nexo de o Fórum Mundial de Economia Solidária ocorrer na cidade de Santa Maria tendo como parâmetro a visão política e o relato de uma das principais lideranças do movimento.

Palavras chave: Movimento de Economia Solidária, Fórum Mundial de Economia Solidária, Santa Maria- RS - Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a situação econômica da maioria dos países era caótica. Como se sabe, em 1944 ocorreu a Conferência Internacional de Bretton Woods (New Hampshire, EUA), as 44 nações presentes estabeleceriam as bases que estruturariam a economia mundial nos próximos anos. Nesta conjuntura, foram criados o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) que à partir de 1946 fariam empréstimos para a recuperação dos países afundados na crise pós guerra. Este encadeamento permitia interferências na gestão das taxas de câmbio mundiais, além de deliberadamente financiarem os desequilíbrios de longa duração que se verificaram no balanço de pagamentos dos países em crise.

Posteriormente com o fim da bipolaridade e “a nova ordem mundial”, as economias regionais de auto abastecimento remanescentes foram substituídas pela especialização e globalização dos mercados. A automação substituiu o trabalho manual, e o mercado regional de trocas transformou-se em mercado global, com ganhos de eficiência e custos unitários menores, à custa da concentração da renda no proprietário da máquina ou do processo. Surge desse quadro um exército de trabalhadores desempregados. O capital assim conectado transformaria as economias periféricas em peças de uma engrenagem global e as submeteria aos movimentos ascendentes e descendentes de crises cíclicas típicas do capitalismo. Os efeitos destas políticas logo se refletiram nas economias periféricas, e não obstante nas economias latino- americanas.

Como reflexos destas políticas internacionais, no Brasil, o panorama na década de 1980 era de grande estagnação econômica, desemprego, falta de acesso à educação, e outras deteriorizações que ampliavam a exclusão social, a miséria e a desigualdade econômica entre as diferentes regiões do país. No Brasil, a década de 1980, é conhecida como “*a década perdida*”, em função da drástica redução das taxas de crescimento do PIB, no contexto de uma inflação, que na segunda metade da década, assumiu claramente ares de um processo hiperinflacionário, apenas truncado pela adoção de sucessivos planos de estabilização (GIAMBIAGI & ALÉM, 2007 p. 83). Ao mesmo tempo, emergem, ainda que retraídos, movimentos de resistência, comunidades, ideias e experiências, que mesmo dissociadas da política, buscaram soluções para habilitar um novo tipo de desenvolvimento e evitar a eminente destruição do tecido social. Neste período, constata-se, na sociedade brasileira a idealização de projetos de caráter popular que tencionaram recuperar os valores da política, com a proposta de transformar as sociedades e promover uma economia sem o cerceamento das grandes corporações econômicas que avançavam sobre o direito dos trabalhadores. Uma alternativa à imposição das políticas internacionais que financiavam déficits públicos destruía a soberania dos Estados e fomentavam corrupção nos governos.

Com esta lógica, concretiza-se no município de Santa Maria - RS, o Projeto Esperança/Cooesperança¹, com o propósito de apoiar e incentivar a proximidade e participação de vários grupos sociais, comunidades urbanas e rurais para “*reinventar a economia*”. Essa reinvenção significava torná-la consubstancial com o social. E deste modo, o valor comercial e a produção para o mercado não se tornariam os critérios e os fins de toda economia (TÉVOÉDJRÈ, 1978). Na prática, essa era a problemática que o Projeto

¹ <http://www.esperancacooesperanca.org.br/>

Esperança/Cooesperança intentava resolver no início da década de 1980 na região Central do estado do RS.

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo de investigar a evolução do Movimento Social da Economia Solidária (ES) à partir da criação do Projeto Esperança/Cooesperança na cidade de Santa Maria- RS adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica e documental. A análise documental de acordo com Gil (1991) é elaborada a partir de materiais já publicados, livros, artigos e periódicos, e materiais publicados na internet. De acordo com Gil (1999) a pesquisa documental relaciona-se com materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou podem ser reformulados, a qual explora documentos escritos ou não escritos, de fontes primárias ou não. Deste modo foram analisadas informações, registros e publicações na imprensa local e nacional sobre a evolução do Projeto Esperança/Cooesperança e suas contribuições para a ES no Brasil.

Pretendeu-se também compreender as origens, as correlações e o nexos de o Fórum Mundial de Economia Solidária ocorrer na cidade de Santa Maria. Para tanto, recorreu-se a técnica de entrevistar uma das líderes e pioneira na Implantação do Projeto Esperança/Cooesperança que também é, atualmente, uma das principais organizadoras do Fórum Mundial de ES que ocorre na cidade. A entrevista possibilitou comparar as evidências coletadas nas fontes bibliográficas e reforçar o entendimento histórico com a finalidade de ampliar a confiabilidade das conclusões para uma melhor compreensão da realidade pesquisada.

3. A POBREZA, A RIQUEZA DOS POVOS - *A transformação pela solidariedade.*

Notícias sobre a experiência de Santa Maria e os conceitos de ES, circulam há alguns anos nos meios de comunicação regional. A cidade realiza há duas décadas uma feira regional de comercialização de produtos advindos da ES. Este influxo da cidade fortalece o entusiasmo das pessoas que conhecem mais a fundo esta forma de organização. Assim, a cidade de Santa Maria- Rs, se alicerçou como capital Mundial de Economia Solidária (REVISTA DA ARQUIDIOCESE-SM, 2012) e foi escolhida para a realização do Fórum Mundial de Economia Solidária e a Feira Mundial de Economia Solidária. Na opinião pública da imprensa local e de gestores públicos regionais e brasileiros, isso se deve ao trabalho

permanente do Projeto Esperança/Coesperança, fundado por Dom Ivo Lorscheister no início da década de 1980.

Dom José Ivo Lorscheister, nasceu a 07 de dezembro de 1927, em São José do Hortêncio, 2º distrito de São Sebastião do Cai, localidade de Fritzenberger no Estado do Rio grande do Sul (Brasil). À exemplo de seu irmão mais velho, que estudava com padres jesuítas, foi encaminhado por sua família, aos 11 anos de idade para o sacerdócio. Assim, Dom Ivo estudou no Seminário de São José, em Gravataí e cursou Filosofia no Seminário Central em São Leopoldo-RS - Brasil. Sua ordenação como Padre foi em Roma, na Itália, no dia 20 de dezembro de 1952. A nomeação como bispo de Santa Maria, pelo Papa Paulo VI, ocorreu no dia 06 de Fevereiro de 1974 depois de já ter atuado como Bispo na Capital Gaúcha. Dom Ivo sempre ocupou cargos importantes na Organização Católica Brasileira, realizando importante trabalho na propagação do ecumenismo², do qual sempre foi um dos protagonistas no Brasil, e em Santa Maria. Além disso, foi um grande incentivador das pastorais sociais, movimentos sociais e todas as formas de organização popular.

Destaca-se que em seus estudos Dom Ivo teve contato com as ideias apresentadas no livro *“A pobreza, a riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade”*, do autor africano Tèvoèdjèrè³. A tese central da obra apresenta uma reflexão filosófica sobre inúmeros aspectos do desenvolvimento, reflexão assumida por um autor de cultura africana autêntica, profundamente marcada por uma cultura ocidental, particularmente, a francesa. Não restrito a reflexão intelectual, Dom Ivo, entabulou-se às ideias inovadoras, para a época, expressas no livro que fora publicado originalmente em 1978. Dom Ivo, então, entra em contato com a editora Brasileira Vozes⁴ e articula a tradução e publicação da primeira edição do livro em Território Brasileiro.

Foi a partir destas reflexões que se fortaleceu e difundiu no RS o modelo de caridade libertadora, ou seja, a caridade organizada, através dos PACs⁵, da Economia Popular Solidária

²Ecumenismo é o processo de busca da unidade. O termo **ecumênico** provém da palavra grega **οἰκουμένη** designando "toda a terra habitada". Num sentido mais restrito, emprega-se o termo para os esforços em favor da unidade entre igrejas cristãs; num sentido lato, pode designar a busca da unidade entre as religiões.

³Tèvoèdjèrè, Albert. A pobreza a Riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁴<http://www.editoravozes.com.br/main/main.html>

⁵ Os PACs (Projetos Alternativos Comunitários) são instrumentos de educação para a cultura da solidariedade para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e com vida e dignidade para todos. Originalmente teve como princípios a Organização e Planejamento Participativo, Espírito comunitário e transformador, Viabilidade econômica e inserção no Mercado, - Respeito ao Meio Ambiente e à Vida, Compromisso e vivência dos princípios de Cooperação, Igualdade e Autogestão, Defesa e promoção de vida digna para todos, Fortalecimento da Cultura da Solidariedade, Cooperação em redes de Economia Popular Solidária, Produção Ecológica,

e a proposição de “reinvenção da economia” que coloca como pano de fundo a solidariedade, a geração de trabalho e renda e as diferentes formas de organização associativa, cooperativa e autogestionária para um modelo de progresso econômico que não reproduzisse em si as contradições capitalistas.

Desse modo, em 15 de agosto de 1987, Dom Ivo, juntamente com um grupo de lideranças da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM e EMATER⁶, criou o Projeto Esperança/Cooesperança cujo empreendimento ficou a cargo do Banco da Esperança⁷ em articulação com outros segmentos da sociedade organizada. O projeto Esperança surgiu, como se pôde verificar, da aplicação do livro *A pobreza, a riqueza dos povos - A transformação pela solidariedade*, cujos estudos e seminários iniciaram em Santa Maria em 1982. O nome, Esperança aparece no livro de Tévoédjrè (pag. 137) exemplificado como um projeto ainda utópico, entretanto factível na visão do autor. Em 1984, no 3º Congresso da Cáritas⁸, Dom Ivo, então Bispo Diocesano de Santa Maria, com base nos fundamentos do livro desafiava a Cáritas/RS a criar e aperfeiçoar os PACs, com uma nova abordagem de se construir o desenvolvimento e encontrar soluções alternativas para os grandes problemas sociais que assolavam o mundo após a “nova ordem mundial”. Essas desordens sociais no Brasil se traduziam em desemprego, êxodo rural, crescimento desordenado das cidades, fome, miséria e a exclusão social.

Para acudi-lo na tarefa que se iniciava a Arquidiocese de Santa Maria, através da Comunidade Religiosa Filhas do Amor Divino designou três missionárias para assumir o trabalho e coordenar o Projeto Esperança/Cooesperança. Foram designadas as Irmãs Cecília Dahmer, Lucia Riffel e Irmã Lourdes Dill, esta última que ao longo da história do movimento vem destacando-se nacionalmente à frente do Projeto Esperança/Coopesperança. Optou-se por entrevistar para este artigo a missionária Lourdes Dill, porque atualmente se destaca na sociedade brasileira como articuladora e organizadora do Fórum Mundial de Economia

Consumo Justo, Ético e Solidário. Fonte: Projeto Esperança/Cooesperança. Disponível em: http://www.esperancacooesperanca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=123&Itemid=77

⁶Empresa pública gaúcha para extensão rural. Ver: <http://www.emater.tche.br/site/index.php>

⁷O banco da Esperança foi criado em 20 de dezembro de 1977, é uma entidade Social, ligada a Igreja católica de assistência social, sem fins lucrativos. É uma entidade que realiza promoção social humana, educacional, cultural, formativa, organizativa na geração de trabalho e renda.

⁸Fundada no Brasil em 12 de novembro de 1956, a Cáritas Brasileira faz parte da Rede Caritas Internationalis, presente em 165 países e territórios. É uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.

Solidária, da Feira Mundial de Economia Solidária, evento mundial que ocorre anualmente na cidade de Santa Maria-RS-Brasil.

Ao pesquisar as raízes do movimento de ES na cidade de Santa Maria, fica evidente a visão de renúncia da cultura de opulência como defesa contra a exploração do trabalho humano e como alternativa ao modo puramente capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza. A experiência organizativa centrada em prática solidárias, iniciada em Santa Maria em 1984, é em grande parte alicerçada nas ideias manifestadas no livro de Tévoédjèrè. O projeto Esperança/Coesperança ganhou relevância e importância à medida que se mostrou uma alternativa concreta e possível para a crise de trabalho que o Brasil enfrentou na década de 80. A experiência do Projeto Esperança/Coesperança se multiplicou em muitos lugares da região central do RS, no Brasil, e do MERCOSUL, onde se fortaleceram redes de ES. (REVISTA ARQUIDIOCESE-SM, 2012). Entretanto, a expressão “Economia Solidária”, conforme Motta (2010) foi usada de modo pioneiro no Brasil em 1996, por Paul Singer em um artigo publicado em 11 de junho no Jornal Folha de São Paulo, intitulado “*Economia Solidária contra o desemprego*”. A ES é considerada como uma forma concreta de prática econômica e também um projeto de transformação social e, por isso, uma causa. Como realidade existente e como utopia, há visões que associam a solidariedade ao socialismo e outras que a consideram como uma alternativa para os pobres, por exemplo, (SENAES, 2013).

Não há evidências de que na década de 1980, as ações do Projeto Esperança/Coesperança assumissem algum viés político. A Organização Católica é um ator importante no fomento ao campo da ES no Brasil; em que pese ser um ator que por sua natureza humanística refuta assumir proposituras políticas. Contudo, é possível observar que as ideias que estruturavam o projeto tinham delineamentos da visão econômica socialista. Na arena política, quando os regimes socialistas praticamente foram derrubados pós 1989, ou seja, nos tempos pós muro de Berlim; isso trouxe um impasse para a “esquerda” que teve necessariamente que rediscutir o significado do socialismo e o futuro das economias socialistas, onde sem guerra, foram derrubadas em um contexto onde pareciam mais consolidadas.

No Brasil, também houve defluências desta mudança no cenário mundial e o Partido dos Trabalhadores-PT que se declarava socialista desde sua criação, viu a necessidade de realizar uma série de seminários sobre “socialismo no PT” (SINGER, *apud* SENAES, 2012). Esses seminários foram, então, organizados pelos professores Paul Singer e Chico de

Oliveira. De acordo com Singer (2012), na ocasião um dos seminários foi sobre ES e no qual ele próprio teve a oportunidade de pronunciar-se sobre ES, assunto que já era temática de suas publicações, mas que na época ainda era um debate pequeno dentro e fora do partido. Por ocasião deste seminário, que se realizou em 1992 toda a direção do partido estava presente e houve uma anuência de que a ES deveria necessariamente estar nas plataformas e nos programas dos candidatos do PT. Nos anos que se seguiram, as diretrizes da ES ganham força e maior articulação nos segmentos populares do país. O curso da história política brasileira registra fatos, acontecimentos e mudanças que culminaram na chegada histórica do partido dos trabalhadores no poder político brasileiro.

4. A TRANSFORMAÇÃO DAS QUESTÕES SOCIAIS EM QUESTÕES POLÍTICAS NO CENÁRIO BRASILEIRO

Depois de reconhecida trajetória política, o partido dos trabalhadores chega ao poder no final do ano de 2002, decorrente do processo eleitoral que culminou com a vitória do Governo Lula, o então GT-Brasileiro⁹ elaborou a Carta ao Governo Lula intitulada **“Economia Solidária como Estratégia Política de Desenvolvimento”**. O documento de interlocução com o futuro governo apresentava as diretrizes gerais da ES e reivindicava a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Durante a I Plenária Brasileira de ES, realizada em São Paulo, nos dias 9 e 10 de dezembro de 2002, contou com mais de 200 pessoas - entre trabalhadores de empreendimentos associativos, entidades de representação, entidades de assessoria/fomento e gestores de políticas públicas – foi aprovada e encaminhada a Carta (FBES, 2011).

A II Plenária realizada durante o Fórum Social Mundial-FSM de janeiro de 2003, em Porto Alegre, foi aberta pelo GT-Brasileiro e presidida pelo professor Paul Singer. Neste evento foi publicado e distribuído o livro: **“Do Fórum Social Mundial ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária”** para os 800 participantes, estes, representantes de empreendimentos, entidades de fomento e redes internacionais. Neste evento foi anunciada a criação ainda para

⁹ As doze entidades e redes nacionais que em momentos e níveis diferentes participavam do GT-Brasileiro eram: Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária (RBSES); Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS); Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE); Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas em Autogestão (ANTEAG); Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (IBASE); Cáritas Brasileira; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST/CONCRAB); Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede ITCPs); Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS/CUT); UNITRABALHO; Associação Brasileira de Instituições de Micro-Crédito (ABICRED); e alguns gestores públicos que futuramente constituíram a Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

aquele ano da SENAES no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A Plenária definiu agenda de mobilização de debates e sensibilização pelas regiões do país e legitimou o GT-Brasileiro como promotor do processo de mobilização da ES. Neste processo, a ES foi desafiada a gerir abastecimento, comercialização, trabalhar com moeda social, promover rodadas de negócio, realizar feiras em todos os estados, fazer campanha de consumo consciente, comércio justo e solidário, constituir redes, cadeias produtivas, finanças solidárias, trabalhar no campo do marco legal (especialmente: lei geral do cooperativismo e cooperativa de trabalho). Destas articulações e com base do no Decreto nº 4.764 de 24 de junho de 2003 foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e criado o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES). No mesmo dia de criação da SENAES, se realizava em Brasília a “III ° Plenária de Economia Solidária” no qual se fundou então o Fórum brasileiro de Economia Solidária (FBES).

Durante o III FSM, em Porto Alegre- RS realizou-se uma reunião de dezenas de representantes da América Latina, o que promoveu, por meio de seminários, encontros e feiras, a ampliação das perspectivas de integração regional do movimento de Economia Solidária e, com isso, o trabalho de articulação com a América Latina entrou definitivamente na agenda do FBES. Em 2006, após a realização das Conferências Estaduais, quando foram escolhidos as/os delegadas/os e definidas as reivindicações e propostas, realizou-se a I Conferência Nacional de Economia Solidária, em Brasília, no período de 26 a 29 de junho. Na Conferência foram discutidas as resoluções voltadas à participação no Conselho Nacional de Economia Solidária e propostas para políticas públicas para a Economia Solidária.

Não se pretende aqui, discorrer sobre a organização e funcionamento, das entidades e órgãos integram o FBES, intenta-se somente dar ao leitor a dimensão que o movimento de ES assumiu nos últimos anos. Verifica-se uma teia de articulação e expressivo crescimento da ES e de sua organização popular. Para exemplificar este crescimento, observa-se que em 2002 a organicidade da ES se manifestava em apenas cinco estados, em 2003 as plenárias estaduais foram realizadas em 17 estados. A partir de 2006, os Fóruns Estaduais estão presentes em todos os 27 estados do Brasil (SENAES, 2012). O crescimento também tem promovido articulações e intercâmbios internacionais, especialmente com América Latina na Rede Intercontinental para a Promoção da Economia Solidária (RIPESS). Contudo, os avanços e a institucionalização, especialmente, através da criação da SENAES e do Conselho Nacional, requerem uma definição cada vez maior do papel político e estratégico da ES na luta e construção de um projeto de sociedade.

A figura abaixo pretende demonstrar sistemicamente as articulações da ES dentro da conjuntura política Brasileira:



Saiba mais o que acontece na Economia Solidária no site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária
 Acesse: www.fbes.org.br

Figura 1: A economia Solidária no Brasil. Fonte: www.fbes.org.br

5. FÓRUM MUNDIAL DE ECONOMIA E A FEIRA MUNDIAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: CORRELAÇÕES COM A CIDADE DESANTA MARIA-RS

Entrevista concedida pela missionária Lourdes Dill, coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança da Arquidiocese de Santa Maria- RS:

A senhora trabalhou ao lado de Dom Ivo e certamente conhece as motivações que o levaram a iniciar os PACS. Como ele usava essas ideias para agregar mais pessoas a esse projeto? “Sim, trabalhei durante 20 anos ininterruptos com Dom Ivo Lorscheiter [...]. Ele viajava muito e via as possibilidades que eram possíveis para solucionar os problemas do Planeta Terra. Ele sabia unir a Fé e Vida. Foi um homem simples, corajoso e cheio de Esperança. Entre muitas frases dele destaco uma que ele pronunciou e foi colocada num livro do Projeto Esperança/Coesperança: “Eu desejava, olhando o futuro, que a nossa região de Santa Maria, que é relativamente pobre, fosse mais intensamente ajudada com atitudes de Esperança. Nós, não queremos pessoas desanimadas, não queremos iludir ninguém, não queremos criar falsas expectativas, mas a Esperança verdadeira” (Dom José Ivo Lorscheiter – 21/04/2005). Assim, pouco a pouco foi se formando o fio condutor de um importante trabalho que hoje já completa 3 décadas de história, que é o Projeto Esperança/Coesperança idealizado por ele e com o apoio de um grupo pensante”.

Como foi a metodologia inicial para difundir as ideias de Tévoédjè entre os participantes e fundadores do projeto Esperança/Coesperança? “[...] realizou-se muitas reuniões de estudo, seminários e

interação com a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), Pastorais Sociais, Paróquias, Movimentos Sociais, entre outros. Foi um tempo significativo de conhecer a proposta. Os participantes foram: Dom Ivo Lorscheiter, Professores da UFSM, lideranças das Comunidades, EMATER, Pastorais Sociais, entre outros e uma equipe de pessoas que buscaram contribuir conjuntamente este importante Projeto de Economia Solidária”.

Quando o projeto começou a atuar, vocês conheciam outras experiências semelhantes no Brasil ou fora dele? Consideram-se pioneiros? *“Quando iniciou o Projeto Esperança, não se tinha notícia de nenhuma outra experiência similar no Brasil e em outros Países. [...] Consideramos os PACs e o Projeto Esperança/Cooesperança de fato pioneiro, pois iniciou um ciclo de debates e reflexões que foram além das Cooperativas tradicionais e Associações já organizadas. Trata-se de um Modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial que tem como base: A organização Popular, a Mística de Igreja, a Tecnologia das Universidades e as Políticas Públicas”.*

A solidariedade às vezes é associada ao socialismo. Na época vivíamos sob a ditadura. Para divulgar o projeto Dom Ivo e a Caritas difundiam a ideia de caridade organizada. Existia a preocupação de não conflitar com o poder político vigente na época? *“A Solidariedade é um tema muito usado no mundo inteiro hoje. Na época que iniciou o Projeto Esperança/Cooesperança, foi uma palavra inovadora. [...] De certa forma esta palavra estava associada sim, a dimensão da construção do socialismo. Durante da Ditadura Militar, a Solidariedade era uma palavra inovadora e profética, mesmo que muitos ainda não a assimilassem, pois consideravam uma palavra subversiva. Quanto à questão da Caridade Organizada, era sim uma ideia forte e promissora. Não havia preocupação de conflitos com o Poder Político, mas a proposta era contrária ao que a Ditadura determinava e o capitalismo pregava na sua Missão Globalizada. Hoje, usamos vários termos como a Cultura da Solidariedade, a Globalização da Solidariedade e a Transformação pela Solidariedade e Solidariedade a Caminho da Transformação Social, entre outros”.*

Quais eram na época as barreiras para o crescimento do projeto? Como eram as articulações do projeto na pré-constitucionalização de 1988? *“Havia no início muitas barreiras. A ideia era de fato inovadora. [...] Havia um empecilho muito grande no que tange a Comercialização Direta. Houve resistência do produtor e da fiscalização. Na lógica de muitos a Comercialização Direta, era confrontada com o mercado tradicional e capitalista. Foi interessante a motivação dos consumidores, que se tornaram grandes aliados e defensores desta proposta. Temos consumidores com mais de 26 anos de participação ininterrupta, comprometida, assídua e são propagadores da proposta. A articulação com a pré-constitucionalização de 1988 era boa, mas na época a ideia das Políticas Públicas ainda era frágil. As mobilizações nas ruas, eram no sentido reivindicatório. Hoje, há também parte desta metodologia, mas se enfoca muito mais a Construção Coletiva, Democracia Participativa, Autogestão e a Construção das Políticas Públicas, onde o povo unido e organizado torna-se o grande protagonista da mudança e cidadania e inclusão social, fortalecendo a cidadania e autogestão”.*

Quando e como vocês tomaram contato com o termo Economia solidária? *“No cenário da ES somos sujeitos na construção desde o início. Iniciou pelos PACs, depois foi para a Economia Popular Solidária e hoje é a Economia Solidária. Podemos afirmar que este tema foi construído por muitos, com a participação significativa e comprometida de Santa Maria, através do Projeto Esperança/Cooesperança e da Cáritas RS e Cáritas Brasileira, com a entrada dos governos, as Políticas Públicas onde o tema Economia Solidária, criou mais visibilidade e participação do Poder Público. A base de toda esta experiência foi o povo organizado com as organizações que acreditaram nesta proposta e foram se lançando corajosamente para este novo cenário organizativo, através de Economia Solidária com Políticas Pública”.*

A Senhora como uma das fundadoras do projeto ainda pensa que esse modelo se fundamenta na caridade libertadora? Por quê? *“Sim, estou no Projeto Esperança/Cooesperança desde o início. Foi desafiador começar um tão importante trabalho. Este modelo se fundamenta na Caridade Libertadora e tudo o que acena para uma visão transformadora, interativa com Democracia Participativa se fortalece. Tudo isso, porque o assistencialismo presente na Sociedade, na Igreja e na Política, não produzem efeitos transformadores e não torna o pobre, sujeito de sua mudança social e dos seus paradigmas. A Teologia de Libertação, pela qual o projeto Esperança/Cooesperança se inspirou abre caminhos de reflexão e ação, pautadas na metodologia do Ver, Julgar e Agir”.*

Como surgiu o Fórum Mundial de ES, e a Feira Mundial de ES? A escolha da cidade de Santa Maria para sediá-lo é o reconhecimento do pioneirismo do Projeto Esperança/cooesperança? *“No ano de 2009 por uma decisão do Judiciário local, devido a Gripe Influenza A (H1N1), que não ouviu os organizadores, as atividades da 16ª FEICOOP, 5ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL e demais programações, não ocorreram, foram canceladas judicialmente. Havia uma tentativa, de cindir essa experiência de organização coletiva da Economia Solidária por parte de alguns. Mas, a esperança de construir um novo mundo e uma nova sociedade, pautada na fraternidade e na solidariedade, as organizações da Economia Solidária, decidiram convocar para 2010, o 1º Fórum Social da ECOSOL e a 1ª Feira Mundial da Ecosol, em Santa Maria, e na Grande Porto Alegre, durante a realização do Fórum Social Mundial 10 Anos. O 1º Fórum e a 1ª Feira Mundial de Economia Solidária, combinaram de forma transversal e num processo multiplicador Nacional e Internacional. Uma Comissão Organizadora combinada a dinâmica local acumulada, há mais de 16 anos de Feiras e Encontros, organizada em 60 Comissões com compromisso e autogestão. A escolha de Santa Maria foi devido a Feira cancelada de forma judicial e arbitrária pelo Ministério Público e a Justiça. Mesmo assim vieram para Santa Maria mais de 600 pessoas de 15 Estados Brasileiros, que se reuniram diariamente em lugares fechados, pois, estava proibido pela justiça aparecer aglomerado de pessoas em lugares públicos. Foram nestes encontros, estudos, Marcha pela Justiça até o Fórum de Santa Maria, celebração no Santuário-Basilica Nossa Senhora Medianeira e outros debates que nasceu a idéia de fazer o 1º Fórum Social e a 1ª Feira Mundial de Economia Solidária, juntamente com os 10 anos do Fórum Social Mundial, que se realizou em Porto Alegre. De agosto de 2009 até janeiro de 2010, foi organizada, em apenas seis meses, com dificuldade financeira, pois, na Feira cancelada ninguém ajudou a pagar as despesas, a não ser o Projeto Esperança/Cooesperança e o IMS (Instituto Marista de Solidariedade) de Brasília, DF”.*

“Apresento alguns dados numéricos do 1º Fórum Social e 2ª Feira Mundial de Economia Solidária: *Representantes dos 5 Continentes, de mais 32 Países, de muitas Caravanas dos Países do Mercosul da América Latina e de outros Continentes, de 27 Estados Brasileiros, de mais de 800 Empreendimentos de Economia*

Solidária do Brasil e das Redes Inter-continentais e muitas Redes de Economia Solidária, Uma significativa representação do FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária) e dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária, 408 Municípios, Representantes de mais de 200 Entidades e Organizações, Movimentos Sociais, Pastorais Sociais, Cáritas e Setores de Gestores Públicos, Universidades e Veículos de Comunicação, entre outras. +/- 60 Comissões que contribuíram na organização dos Eventos Mundiais. 5ª Caminhada Internacional e Ecumênica pela PAZ e Justiça Social – 2.000 pessoas. 450 jovens no 5º Levante da Juventude/PJR na Feira de Santa Maria – RS. Seminários, Oficinas, 5 Eixos Temáticos, Atividades de Formação, Reuniões Ampliadas, Oficinas Autogestionárias, Programas de Rádios, TVs, Atividades Culturais e um grande Show Latino Americano de Música Popular com os Artistas da Caminhada. Passaram pelos Eventos Mundiais de Economia Solidária mais de 130 mil pessoas segundo a Brigada Militar de Santa Maria. Foi um grande Encontro Mundial que dialogou com um “Outro Mundo Possível” e “Uma Outra Economia que já Acontece”. Esta atividade fez parte dos 10 anos do FSM (Fórum Social Mundial) que teve inúmeras atividades em Santa Maria, Porto Alegre e toda região Metropolitana do Rio Grande do Sul”.

Quem é o mantenedor do Fórum Mundial de ES? *“O mantenedor do Fórum Social Mundial de Economia Solidária, em primeiro lugar é a base da Economia Solidária, os Fóruns Regionais, Estaduais e Nacional, bem como os Conselhos Regionais e Nacional de Economia Solidária como construção da proposta. Outro lastro, parte do apoio e integração são as diferentes Entidades Parceiras e Apoiadoras deste Fórum Social Mundial de Economia Solidária que são: Projeto Esperança/Coesperança, FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Fóruns e Conselhos de Economia Solidária, Cáritas Brasileira e as Cáritas Diocesanas, IMS – Instituto Marista de Solidariedade, Universidades, Pastorais Sociais, Movimentos Populares, Empreendimentos Solidários Urbanos e Rurais, Consumidores Parceiros, Voluntários e parcerias comprometidas, as 60 Comissões de trabalho que organizam junto com uma Comissão Central do Evento. Portanto é um fio condutor que conduz de forma participativa a proposta como uma grande rede de articulação. Outro e importante grupo de apoio, que é através de Patrocínios são as Empresas Patrocinadoras: Governos Federal, Estadual e Municipal, SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária do MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, SESAMPE – Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, PETROBRÁS – Petróleo Brasileiro S.A, SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, FBB – Fundação Banco do Brasil, SDR – Secretaria Estadual do Desenvolvimento Rural, IRGA – Instituto Rio Grandense do Arroz e SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo. O Fórum Mundial de Economia Solidária não tem fundo próprio. A cada evento precisa-se elaborar projetos e fazer a captação de recursos. Após o Evento são feitos os relatórios de comprovação e a prestação de contas. Depois da aprovação de tudo os Patrocinadores repassam os recursos financeiros”.*

Qual o papel do projeto Esperança/Coesperança na realização do Fórum Mundial de ES atualmente? *“O papel do Projeto Esperança/Coesperança é fortalecer a importância deste Evento que nasceu em Santa Maria, e é um braço do FSM - Fórum Social Mundial Global e fortalece cada vez mais no mundo a Economia Solidária. O papel do Projeto Esperança/Coesperança também é de continuar fomentando para que muitas Feiras e experiências similares sejam criadas e fortalecidas em outros lugares do RS, Brasil, outros Países e Continente”.*

Qual a importância do Fórum para o movimento de ES e quais as perspectivas para o futuro do movimento em sua opinião? *“O Fórum Mundial de Economia Solidária tem uma importância muito grande para a Economia solidária do Brasil e do mundo. As Redes Mundiais de Economia Solidária estão hoje presente em todo o Planeta. O que está em evidencia é o modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial, construído pela Economia Solidária, pois o Capitalismo selvagem já excluiu muitas pessoas e organizações. A Economia Solidária que trabalha em Rede, com Democracia Participativa, está construindo um Modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial onde as pessoas se tornam os sujeitos de sua organização, de forma coletiva para o Bem Comum. O Fórum Social Mundial de Economia Solidária que nasceu em Santa Maria, irá se integrar nos próximos anos no FSM - Fórum Social Mundial Global em outros Países e Continentes. A Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante, que já completou duas décadas em julho de 2013, continua sua trajetória em Santa Maria, RS, coordenada pelo Projeto Esperança/Coesperança e muitos parceiros desta luta. Com tudo isso, podemos afirmar com o sábio Provérbio Africano: “Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra”.*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação documental evidenciou que os PACs, idealizados por Dom Ivo Lorscheister foram influências decisivas para o surgimento da cultura de ES no Brasil. A partir da experiência dos PACs, funda-se o Projeto Esperança/Coesperança centrado na valorização do trabalho humano. Na prática, o projeto consolidou-se como um modelo alternativo que visava proporcionar oportunidades de trabalho e geração de renda de forma autogestionária e participativa por meio da cooperação, solidariedade e autogestão. A visão de renúncia da cultura de opulência como defesa contra a exploração do trabalho humano, contida na obra do autor africano Albert Tèvoèdjere, foram diretrizes do trabalho iniciado nos PACs em Santa Maria- Rs. Tais ideias tiveram importante significado para a prática e para a construção dos valores que mais tarde se firmaram no Movimento da ES brasileira.

Observou-se que o Projeto Esperança/Coesperança deu início a uma grande rede mundial que está ainda em formação, participando paulatinamente da construção de um modelo de desenvolvimento que tenciona ser solidário, sustentável e regional, contrapondo ao capitalismo selvagem e excludente. “Primeiro porque ele é pioneiro na comercialização coletiva da produção das cooperativas e shopping dos pobres. Segundo, porque vem organizando feiras de âmbito cada vez maior e que agora já ultrapassaram o território nacional, atingindo todo o MERCOSUL. Terceiro, porque o exemplo do Projeto Esperança vem se multiplicando pelo Brasil em muitos projetos de desenvolvimento local de dentro para fora e de baixo para cima” (SINGER, 2012).

A experiência que começou nos PACs produziu muitos multiplicadores. Deste modo é importante realçar que as primeiras bases de apoio ao movimento de ES partiram da Igreja Católica, através da Cáritas e da sociedade civil organizada. Para além destes atores, as políticas públicas adotadas a partir do ano de 2002 e a criação da SENAES no ano de 2004 são elementos identificados como propulsores deste fortalecimento. Ressalta-se ainda, que no ano de 2004 ocorre a **convergência do trabalho prático** iniciado, no começo dos anos 80, por Dom Ivo em Santa Maria- RS, com a produção teórica e acadêmica do docente e militante político Paul Singer, quando este assume no ano de 2004 a SENAES. A partir da criação desta Secretaria no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) a ES é impulsionada e potencializada no país. Partiu-se, assim de um modelo popular de caridade libertadora para um modelo que propõe a inclusão produtiva como política pública para o desenvolvimento social. Os governos entenderam e valorizaram a magnitude destas experiências. Atualmente, as demandas da ES estão presentes na agenda governamental brasileira.

Por fim, verificou-se que a Feira Mundial e o Fórum Mundial de Economia Solidária, que se realizam na cidade a partir de 2010, surgiram como uma reação dos movimentos populares frente a tentativas de alguns burocratas governamentais de embarrear a ES, através do cancelamento dos eventos internacionais previstos para o ano de 2009. Uma decisão do Judiciário local, com a justificativa da Gripe Influenza A (H1N1), cancelou as atividades da 16ª FEICOOP, 5ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL e demais programações da ES para o ano de 2009, entretanto, foram mantidos outros eventos de grande porte previstos para o mesmo período na cidade. Representantes de 15 estados brasileiros que já se dirigiam a cidade no momento da intempestiva decisão judicial, juntamente com os integrantes do Projeto Esperança /Coesperança realizaram no dia 10 de julho de 2009 a *MARCHA DA ESPERANÇA*. Foi uma grande Caminhada que marcou as articulações posteriores para a criação do Fórum Mundial e da Feira Mundial de Economia Solidária em Santa Maria- RS.

Diante do exposto, conclui-se que o modelo econômico proposto pela ES faz parte um novo modo de organização, produção, consumo. A forma de tratar o trabalho, o meio ambiente, a vida, as políticas públicas e os valores que se consolidaram na ES brasileira estão fortemente correlacionados com as práticas iniciadas pelo Projeto Esperança Coesperança. A realização do Fórum Mundial de Economia Solidária em Santa Maria é a expressão máxima destas correlações.

7. REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE de Santa Maria. Revista: 35 anos do Projeto Esperança/Coesperança. Edição: 15 de Dez. de 2012. Impressão Gráfica: Editora Palotti. Santa Maria. Rs. Brasil

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria Ministerial. N.483**, de 15 de setembro de 2004. Brasília. MTE, 2004.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria Ministerial. N.153**, de 12 de fevereiro de 2009. Brasília. MTE, 2009.

BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas de Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: SENAES/MTE, 2006.

BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Relatório Anual de Gestão- Ano de 2009**. Brasília: SENAES/MTE, 2010. (mimeo)

FBES- Fórum Brasileiro de Economia Solidária. **IV Plenária Nacional de Economia Solidária: outra economia construindo outros desenvolvimentos**. Brasília. FBES, 2008. www.fbes.org.br. Acesso em : 26/10/2013.

GIAMBIAGI, Fabio e Ana Claudia Além. **Finanças Públicas: teoria e prática no Brasil**.- 4 ed. Ver. E atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. - 2 impressão

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

LIANZA Sidney, Flávio Chedid Henriques, orgs- **A economia Solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas**. Rio de Janeiro: Pró Reitoria de Extensão UFRJ;2012 204 p.

MOTTA. E.S.M.G. **Trajetórias e transformações no mundo da Economia Solidária**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2010.

_____. Políticas Públicas da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego. **In: Avanços e desafios para as políticas Públicas de Economia Solidária no Governo Federal - 2003/2010**. Brasília. MTE/SENAES. 2012

_____. **Plataforma da Economia Solidária**. Brasília: FBES, 2004. www.fbes.org.br. Acesso em: 10/10/2013.

_____. **Plataforma do Projeto Esperança/Coesperança**. Santa Maria: RS. <http://www.esperancacoesperanca.org.br/> Acesso em: 12/10/2013.

SINGER, Paul. **A economia Solidária no Brasil: um retrato em 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006. (mimeo)

TÉVOÉDJRÈ, Albert. **A pobreza a Riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.